

VILÉM FLUSSER

Homenagem a Vicente Ferreira da Silva.
(Da responsabilidade do intelectual.)

O convite da Revista CONVIVIO para que contribua com um artigo ao número especial a ser dedicado ao pensamento de Vicente lançou-me em dilema de consciência que caracteriza bem a responsabilidade do intelectual, tal como eu vejo o problema. O dilema é este: Sinto, de um lado, o prazer e a emoção de ver discutido e homenageado um pensamento que creio de importância e profundidade ainda não suficientemente apreciadas, e o impulso imperativo de contribuir na medida máxima das minhas capacidades para tal empreendimento. Do outro lado discordo fundamentalmente da orientação ideológica desta Revista, e nunca me ocorreria querer publicar nas suas páginas, já que creio que o nível intelectual indiscutivelmente elevado da maioria dos seus artigos contribui ainda mais para tornar a mensagem da Revista mensagem negativa, em todos os contextos, e mais especialmente no presente. A saída do dilema que encontrei é esta: expôr francamente o próprio dilema, e torná-lo ponto de partida para as considerações seguintes. Saída de emergência, sem dúvida, e aberta a contestações de todos os lados. Mais uma ilustração da problemática da responsabilidade do intelectual, problemática que desafia soluções fáceis.

O pensamento filosófico em geral, e o pensamento de Vicente em particular, brota do próprio núcleo existencial e avança contra os problemas que se lhe opõem sem respeito pelas consequências de tal avanço. A sua única meta é penetrar os problemas, iluminá-los de dentro, e, se for possível, explodí-los. O próprio pensador ignora os futuros resultados do seu avanço, e tal ignorância é um dos seus motivos. E neste sentido, e apenas neste sentido, que todo verdadeiro filosofar é despreconcebido, (voraussetzungsloses Philosophieren). E é também neste sentido, e apenas neste sentido, que todo verdadeiro filosofar é irresponsável. Mas o filosofar não se resume apenas neste movimento. Há, em todo filosofar, momentos de recuo, nos quais o pensador se distancia não apenas dos seus problemas e do seu pensamento, mas também de si próprio, para ver-se de fora e no seu contexto. Tais passos para trás, ("Schritte zurueck", Heidegger), podem dar-se em várias direções, e revelam, cada qual, o próprio ato do filosofar sob ângulos diferentes. E algumas das direções nas quais os passos para trás se dão revelam a situação do pensador e do seu pensamento em sociedade, a saber nesta sociedade aqui e agora. Revelam, de um lado, o quanto o pensador e seu pensamento são articulações da sua sociedade, e revelam, do outro lado, o quanto o pensador e seu pensamento influem na sua sociedade. Revelam portanto não apenas a indiscutível verdade que a filosofia apenas explica o mundo, quando importa modificá-lo, mas também a outra face da mesma verdade, a saber: o mero explicar já implica a modificação do mundo. Em suma: revelam a responsabilidade implícita em toda filosofia, embora não necessariamente explicitamente consci

VILÉM FLUSSER

ente no próprio ato do pensamento.

Tais momentos reveladores provocam uma dialética específica na consciência do pensador, (desde que entendamos por consciência não "Bewusstsein", mas "Gewissen"). A dialética específica é esta: De um lado a própria dinâmica do filosofar impele o pensador contra o objeto do pensamento, como se o pensar fosse empresa solitária e irresponsável. De outro lado a própria estrutura do filosofar liga o pensador aos seus parceiros, como se o pensar fosse empresa dialógica composta de perguntas e respostas, portanto pura responsabilidade. A clássica solução de tal tensão dialética é a forma dialógica de pensar problemas, forma elevada à maior perfeição por Platão, e ensaiada diversas vezes pelo próprio Vicente. Mas uma tal solução formal pode não resolver o verdadeiro problema. Não o resolve, se, como no caso de Vicente, os parceiros do diálogo não passam dos amigos idealizados do próprio pensador, e não são, como no caso de Platão, representantes de todas as correntes ativas na sociedade. De modo que, para Vicente, a dialética entre o fascínio do puro pensar e a responsabilidade social continuava vigente, não resolvida por recursos formais deliberados. Não creio que Vicente tenha jamais conseguido tornar a dialética tema de um pensar disciplinado, e muito menos creio que tenha ensaiado a solução do problema com aquela perspicácia e penetração profunda que caracterizam o seu pensar em tantos outros campos. Cambaleou, creio, mais ou menos tonto, em direção de uma solução superficial, inteiramente enganada, e que serviu apenas para encobrir para ele a terrível seriedade do problema. E isto é mais grave atualmente que no tempo de vida de Vicente. Porque cria o perigo que Vicente seja engolido e devorado, sem ser digerido, pelas correntes de pensamento reacionário que tanto desprezava, mas em direção das quais se dirigia estonteado. Que seja transformado, por tais correntes, em instrumento seu. Um dos propósitos do presente ensaio é combater tal perigo. Tentar evitar que aconteça com Vicente o que aconteceu com Nietzsche: ser engolido, devorado, e não digerido pelo nazismo.

Uma palavra de explicação, antes que seja iniciada a discussão do engajamento de Vicente, da responsabilidade que assumiu. É esta: na minha opinião a melhor maneira de homenagear um pensador é tornar o seu pensamento vivo dentro do próprio íntimo, e passar a combatê-lo dentro de si mesmo. Assimilá-lo, para depois procurar superá-lo. Tomá-lo, não como objeto de veneração, como ídolo, mas como parceiro vivo e ativo, portanto como presença vulnerável. É o que pretendo fazer no que se segue.

Em Vicente a situação histórica e a situação geográfica estão em conflito. Isto caracteriza aliás todo intelectual que vive em meio subdesenvolvido, e tem o nome um tanto vago de "defasagem". Mas em Vicente a "defasagem" adquire dimensões gigantescas. Historicamente Vicente se localiza não apenas na ponta da lança dos acontecimentos, mas em muitos sentidos a sua posição é visionária e precursora. A maneira como encara, por exemplo, o

VILÉM FLUSSER

problema do totalitarismo da cultura de massa, a progressiva deteriorização da sociedade de consumo, e a iminente vitória do aparelho estabelecido, encontra paralelos muito mais significativos na atual contestação americana e europeia que em não importa que tendência contemporânea com Vicente. O seu "paganismo" tem parentesco muito mais íntimo com a nova religiosidade da nova esquerda que com o pretense paganismo dos pseudo-românticos dos anos 20, (para não falar na "antropofagia" brasileira). E os exemplos do caráter visionário e revolucionário do pensamento de Vicente podem ser multiplicados com facilidade. Geograficamente, no entanto, Vicente se localiza na periferia dos acontecimentos, ignora existencialmente os centros decisivos, e vive vida quase inteiramente alienada dos cataclismos que sacodem a humanidade. Isto explica muita coisa. Explica, por exemplo, o quase isolamento de Vicente na própria sociedade, coisa terrível para um líder nato e para um espírito polêmico como o dele. Explica as suas várias tentativas quixotescas de forjar comunidades mais apropriadas à sua maneira de ser, e a tragi-comédia do seu engajamento ambivalente em prol da Universidade de São Paulo. Mas explica, principalmente, o trágico mal-entendido político-social, do qual se tornou vítima, ~~uma das~~. Em suma: explica o trágico no qual foi chamado a assumir responsabilidade.

A posição assumida por Vicente tem, a meu ver, três fontes: o seu estar no mundo enquanto intelecto excepcionalmente agudo e vitalidade e emocionalidade excepcionalmente ricas; o romantismo alemão, principalmente Fichte e Schelling; e, (um tanto surpresentemente), o neo-positivismo na sua forma vienense americanizada. Tais fontes fizeram com que Vicente tenha encontrado paralelos no pensamento existencial alemão, principalmente Heidegger, (não tanto no existencialismo francês e espanhol, coisa também surpreendente), e naquele movimento pós-romântico inglês que caracteriza os anos 20 e 30. Ficou tão fascinado por esse paralelismo que dirigia a sua leitura principalmente em tal direção ~~indefinição~~. ~~Lia os poetas românticos alemães~~ ~~AA~~ os poetas ingleses românticos e atuais ~~de~~ e mergulhava naqueles gregos que tais românticos tomavam, (em grande parte por engano), por "seus". O efeito foi este: tornou-se difícil para ele uma compreensão realmente abarcadora do cristianismo e do marxismo, e, em consequência disto, uma penetração simpática da grande revolução da qual somos participantes. E, no entanto, foi ele quem, mais que qualquer outro, dela participava no seu semi-isolamento.

O existencialismo alemão e o pós-romantismo inglês eram taxados, antes da Segunda guerra, no Brasil como "direita". Não se distinguia, no Brasil, entre as influências alemãs emanadas do nazismo e emanadas dos refugiados do nazismo. Não se avaliava a ambivalência heideggeriana perante o nazismo, e não se tomava em seu pleno impacto a recusa violenta do nazismo por Jaspers, e por autores semi-existenciais como o foram Mann e Hesse. A vulgaridade, o nível incrivelmente baixo intelectual, estético e moral

VILÉM FLUSSER

do nazismo, estava encoberto no Brasil pela propaganda irradiada, que banhava os acontecimentos alemães em clima grandioso inteiramente mentiroso. Tal imagem fantasmagórica facilitava a Vicente uma projeção sua sobre tendências que na realidade eram em tudo opostas à sua maneira de ver e viver as coisas.

O marxismo aparecia aqui, e mais especialmente para Vicente, em duas formas caricatas. Na forma do stalinismo, e na forma da esquerda festiva brasileira. Não se suspeitava sequer que o romantismo alemão, especialmente Fichte e Schelling, agem muito mais significativamente dentro do marxismo que em outras tendências, e que o próprio Nietzsche, apropriado a altos brados pela "direita", estava na realidade bem no núcleo do pensamento marxista e viria a surgir à tona dentro em breve na nova esquerda. Vicente portanto não suspeitava que o verdadeiro paralelo com seu pensamento estava soterrado no marxismo, e que era apenas preciso cavar o marxismo para desenterrá-lo. A sua luta digamos assim diária com os representantes defasados brasileiros do marxismo, e a sua visão mais ou menos correta da Rússia stalinista empurraram Vicente a assumir posição anti-marxista, e barraram-lhe definitivamente o caminho para a verdadeira compreensão do marxismo.

A posição de Vicente quanto ao cristianismo é bem mais difícil a ser analisada. Influenciado fortemente pela crítica nietzscheana do cristianismo, (sem a vivência protestante imediata que caracterizava Nietzsche), via ele muito bem no cristianismo tôdas aquelas tendências "nihilistas", (ou para falarmos com Vicente: "sujeitiformes"), no cristianismo. Compreendia, melhor que qualquer outro, até que ponto a nossa cultura é projeto cristão, e até que ponto o cristianismo é responsável por tôdos aqueles fenômenos de decadência que caracterizam a atualidade. Compreendia também perfeitamente que o marxismo é fruto do cristianismo, mas interpretava tal fato apenas negativamente. Mas não via o fato fundamental que a nossa cultura não passa de realização de um único projeto implícito no cristianismo, e que há inúmeros outros projetos cristãos jamais ensaiados. Empobrecia enormemente o cristianismo. Isto facilitava duas coisas: identificar o cristianismo com as igrejas atuais, (sem poder prevêr portanto por exemplo os "Jesus freaks" da atualidade); e menosprezar o elemento judeu na nossa cultura. A transcendência e o historicismo imanentes no judaísmo, (e portanto no Ocidente), eram interpretadas por Vicente apenas negativamente, o que é uma infelicidade. Não há nada mais próximo da cosmovisão de Vicente no passado que a visão dos místicos judeus "chassidim", e de tôdos os pensadores recentes é Buber que mais elos tem com Vicente. Não que Vicente tenha sido jamais antisemita. Tinha aversão meramente teórica a um Judaísmo "seu", desligado da realidade, e quando, no fim da vida, tomou contacto concreto com alguns aspectos do verdadeiro judaísmo, ficou pasmado. No fundo Vicente era cristão num sentido muito mais radical que o sentido corriqueiro do termo, um espírito profundamente religioso, e tôda religiosidade ocidental é cristã, queira ou não queira. Apenas assumia, por engano, como creio, um anti-cristianismo.

VILÉM FLUSSER

Em suma: a responsabilidade assumida por Vicente perante a sua sociedade não passava de máscara que surpreende por sua ingenuidade. Fruto da falta de vivência imediata dos acontecimentos nos centros, e de uma vivência imediata de acontecimentos defasados, é a posição assumida por Vicente em muitos pontos o exato contrário da sua mensagem. É preciso pois tirar a máscara, para descobrir a verdadeira responsabilidade que Vicente assumiu, sem ele próprio tê-la formulado. A meu ver é esta: posição revolucionária que visa inverter os valores da sociedade de consumo. Posição que visa romper o círculo visioso da massificação, e abrir brechas para a penetração da sacralidade. Posição pós-científica que visa fundamentar os novos valores não sobre algo que pretensamente paira por cima da realidade, mas sobre o núcleo abscondido dessa própria realidade. Pós-historicismo. Há muitos pontos em comum entre tal posição e a do estruturalismo. Muito mais pontos há ainda que ligam tal posição à nova esquerda e aos movimentos que estão atualmente revolucionando os Estados Unidos. De certa maneira Vicente é um proto-hippie. Mas há, na posição de Vicente, um elemento que falta a todos esses movimentos: seu pós-intelectualismo. É este o ponto em Vicente que precisa ser analisado com grande cuidado. Sua superação do intelectualismo graças à lógica formal e graças a uma análise disciplinada da estrutura do intelecto. Há, em Vicente, visões do intelecto que representam verdadeiras minas para futuros escavadores.

Não permitamos que Vicente seja banalizado. Que seja rotulado, engarrafado, e, sob a etiqueta "de direita", exposto na vitrine que glorifica a filosofia brasileira. E não permitamos também que as suas próprias tomadas de posição político-social encubram a verdadeira posição por ele assumida. Retiremos tais coberturas. E veremos a verdadeira responsabilidade que cabe a Vicente: ser o primeiro pensador brasileiro a sugerir rumos realmente novos à sociedade.